

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

HANNY MANUELLA DE SOUSA MESQUITA

ESTUDO DE COMPORTAMENTOS INADEQUADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

ARAGUAÍNA

2022

HANNY MANUELLA DE SOUSA MESQUITA

ESTUDO DE COMPORTAMENTOS INADEQUADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Profº Me. Pedro Henrique Carvalho

ARAGUAÍNA

2022

HANNY MANUELLA DE SOUSA MESQUITA

ESTUDO DE COMPORTAMENTOS INADEQUADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovado em sua forma final em: 22 de novembro de 2022.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

Profº Me. Pedro H. Carvalho
Orientador

Profº Me. Ruy Tadeu Costa Ribeiro
Examinador

Profº Me. Lucas Delfino Araújo
Examinador

ESTUDO DE COMPORTAMENTOS INADEQUADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

STUDY OF INAPPROPRIATE BEHAVIORS IN THE SCHOOL CONTEXT

Hanny Manuella de Sousa Mesquita¹

Pedro Henrique Carvalho (Or.)²

RESUMO

O comportamento é entendido como uma ação, em vista disso, entende-se que o inadequado vai se referir aquela ação que foge ao desejado e esperado sob determinadas condições. Entendendo que este é multideterminado e que suas funções vão depender de eventos ambientais, este trabalho a partir de uma pesquisa integrativa bibliográfica, onde por meio de uma revisão na literatura, analisando textos e evidências procurou-se entender mais sobre como os comportamentos inadequados passam a ser compreendidos no contexto escolar e sobretudo, quais estratégias podem auxiliar na redução da emissão dos mesmos. Adiante, foi elencado quatro estratégias que têm evidências de eficácia, sendo elas, o seguimento de regras, economia de fichas, autocontrole e Functional Behavioral Assessment (FBA). Em suma, fica claro a relevância do tema, bem como das estratégias mencionadas e da possibilidade de mais trabalhos voltados para este contexto.

Palavras-chave: Comportamento Inadequado. Contexto Escolar. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

Behavior is understood as an action, in view of this, it is understood that the inappropriate will refer to that action that escapes the desired and expected under certain conditions. Understanding that this is multidetermined and that its functions will depend on environmental events, this work is based on an integrative bibliographic research, where through a literature review, analyzing texts and evidences, we sought to understand more about how inappropriate behaviors become be understood in the school context and, above all, which strategies can help to reduce their emission. Further on, four strategies that have evidence of effectiveness were listed, namely, following rules, saving chips, self-control and Functional Behavioral Assessment (FBA). In short, it is clear the relevance of the theme, as well as the strategies mentioned and the possibility of more works focused on this context.

Keywords: Inappropriate Behavior. School Context. Behavior Analysis.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione.

² Mestre em Análise e Evolução do Comportamento pela PUC GO. Professor na Faculdade Católica Dom Orione.

1 INTRODUÇÃO

Tem sido muito recorrente as queixas relacionadas a comportamentos inadequados (e.g., birra, não seguimento de regras) de crianças quando chegam aos serviços de saúde, geralmente apresentando-se como uma queixa urgente. Identificar quais são os fatores determinantes, seus antecedentes, as consequências que os mantém, e definir quais serão as escolhas de intervenções mais adequadas, é um desafio para os profissionais da Psicologia, em vista da complexidade do seu objeto de estudo (MAZUR, 2015; SKINNER, 1953).

Em virtude da comprovação de que a ciência do comportamento tem tido resultados de sucesso, onde é aplicada de maneira fidedigna, Skinner (2003) afirma que se pudermos observar cuidadosamente o comportamento humano, a partir de um ponto de vista objetivo, seremos capazes de adotar uma maneira de agir mais sensata.

Ao definirmos o que é comportamento, alguns sinônimos são utilizados, como ação, desempenho, resposta ou reação. Dessa forma, entende-se essencialmente que comportamento é qualquer mudança ocorrida em um organismo vivo e integral (BAUM, 2018), podendo ser o sentir, pensar, agir, falar, ou seja, qualquer atividade verbal, motora, glandular ou elétrica (MARTIN; PEAR; AGUIRRE, 2009; MAZUR, 2015). Pensando nesse sentido, pressupõe-se que o comportamento é ordenado e determinado, e está relacionado aos resultados do que é feito sob determinadas condições que podem ou não ser especificadas, assim uma vez que este é estabelecido, tem-se a possibilidade de ter um controle ao ponto de determinar ou eliminar ações (SKINNER, 2003).

Dessa maneira, há um interesse em entender as causas dos comportamentos, não só o porquê um indivíduo se comporta, mas também a maneira como o faz. Assim, qualquer condição ou evento que tenha algum efeito demonstrável vai ser considerado. São por meios das causas que tem-se maior possibilidade de controle, à medida que tenhamos como prevê-lo, poderemos controlá-lo por meio de manipulação de variáveis ambientais (SKINNER, 2003).

Assim, o comportamento pode ser compreendido em diferentes graus de complexidade, definido pelo tipo de interação com o meio: podendo ser em níveis respondentes e/ou operantes. As interações a nível respondentes são embasadas em estimulações específicas e em respostas específicas (e.g., salivar, a pupila contrair,

chorar), geralmente relacionadas à sobrevivência da espécie, e onde há possivelmente uma alteração no ambiente, produzindo uma alteração no organismo. Em vista disso, pode-se concluir que trata-se de uma relação entre estímulo e resposta, sendo um tipo de interação do organismo com o ambiente (PIERCE; CHENEY, 2017; MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Já as relações operantes são dependentes de aprendizagens, desse modo uma resposta emitida pelo organismo vai produzir uma alteração no ambiente, e tal alteração irá influenciar ocorrências futuras, assim aprendidos em função de suas consequências (CATANIA, 1999). Mediante a essa influência pode-se manipular as consequências e os antecedentes para compreender melhor como a interação comportamento e ambiente se dá (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Portanto, este pode ser analisado em eventos comportamentais (respostas), eventos ambientais (estímulos), estados comportamentais (probabilidades ou disposições) e processos comportamentais (contingências) (LOPES, 2008).

Não há como negar a importância, do mundo que nos cerca, há um certo controle sobre quais comportamentos são ou não adequados para cada ocasião. Mesmo quando acontece que algum indivíduo rejeita o mundo, através de certas formas de controle sobre ele, a interação continua (SKINNER, 2003). Skinner (2003) já afirmou que o comportamento social surge porque um organismo é importante para outro como parte do seu ambiente. Nesse sentido, pode-se perceber a importância de ter uma análise do ambiente social e os aspectos que dele são resultados. Estamos nos referindo aqui de um conjunto de estímulos que vão anteceder a resposta, e a sua influência perante a mesma.

Existe uma discussão acerca de problemas de comportamentos e às questões relacionadas a eles, em vista disso, encontra-se uma dificuldade de analisar comportamentos considerados desviantes já que ainda pesquisa-se sobre definição e classificação, o que impacta diretamente nas intervenções para evitá-los ou saná-los. Há diversos grupos de estudos que compreendem e empregam de maneiras distintas sobre problemas de comportamentos. Como por exemplo, há de um lado aqueles estudiosos que defendem o modelo médico ou biológico, como: MEC (BRASIL, 1994), o Manual Diagnóstico e estático dos transtornos mentais - DSM V (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997) e a Organização Mundial de Saúde - OMS (1993). De um outro lado, há aqueles estudiosos que veem a partir de uma categoria mais funcional,

compreendendo por uma perspectiva de déficit e excedentes comportamentais (SILVA; PRETTE, 2003).

Partindo do entendimento de que os comportamentos são multideterminados, cabe fazer uma análise funcional considerando as possíveis variáveis, para que haja a compreensão do propósito da emissão de determinado comportamento (MATOS, 1999). Vale ressaltar que aqui não há a negação de que as formas dos comportamentos são importantes, visto que a depender da forma o manejo vai ser alterado, o que está sendo colocado em questão é que para que seja possível uma análise ampla, é necessário estar atento a funcionalidade do comportamento.

Skinner (1974) diz que somos livres a partir do momento que controlamos as variáveis que nos controlam, ou seja, ter um conhecimento sobre quais são as variáveis controladoras facilita e permite que possamos atuar perante elas. Por essa razão o processo tem início na observação e discriminação dessas variáveis que estão presentes em diversos ambientes, sempre pontuando que há a possibilidade de surgirem novas variáveis que reforcem comportamentos tido como inadequados, por isso é importante estar sempre levando em consideração as diversas variáveis que podem ou não alterar a condição. Tendo em vista que o comportamento muda de acordo com o contexto, os analistas do comportamento vão denominar essa regularidade de discriminação. Esta se refere a mudança de comportamento com mudança de estímulo, envolvendo pelo menos duas condições de estímulo, dois contextos (BAUM, 2007).

Em vista disso, pode-se entender que comportamento problema, como déficits ou excedentes comportamentais, podem dificultar às crianças o acesso a novas contingências de reforçamento que são importantes para o seu desenvolvimento, uma vez que facilitariam a aprendizagem por meio da aquisição de novos repertórios comportamentais.

Entendendo que o ambiente tem total relevância para que seja determinado quais são os tipos de comportamentos esperados, pontua-se que o contexto escolar seja um bom exemplo de espaço para que seja estudado a importância de se trabalhar estratégias que otimizem e que produzam um melhor aproveitamento do tempo dentro da sala de aula, especialmente para se conhecer mais sobre o manejo para com comportamentos indesejados.

Pensando nesse sentido entende-se que o ambiente escolar é o local em que a criança passa mais tempo, sendo o primeiro lugar que vive em sociedade,

comunidade, sendo a partir destes que aprendem também valores importantes para o desenvolvimento. Caso esses ambientes estejam desorganizados apresentando diversas dificuldades de serem contextos que promovam a aprendizagem, torna-se difícil. Portanto é necessário que haja uma preocupação de pensar em todas as partes envolvidas no processo educacional. Assim, torna-se imprescindível uma comunicação eficiente, o reforço de bons hábitos comportamentais, além de um preparo dos profissionais tanto para a transmissão do conhecimento, quanto para o manejo com os alunos dentro do contexto de sala de aula, onde se destaca o manejo para com comportamentos tido como inadequados, muitas vezes chamados de indisciplina.

Dados da Organization for Economic Cooperation and Development – OECD (2009) vão apontar que há referências de que a indisciplina ou o registro de comportamentos inadequados está presente em diversos países, e o Brasil apresenta uma média superior à de outros 66 países e se destaca em relação ao percentual de professores que relatam problemas comportamentais com seus alunos. Mesmo com esses dados, o número de pesquisas referentes ao estudo desses comportamentos e o manejo são reduzidos, existindo ainda lacunas na literatura.

Em vista do que foi falado até aqui, é reconhecível que a presença de comportamentos inadequados no contexto escolar é um problema em si e que precisa ser pensado, discutido, para que haja a construção de estratégias fidedignas eficazes para que seja solucionado esse problema tão vigente. Esta questão acarreta outras demandas, das quais têm impacto também na rotina escolar com potenciais prejuízos para o estudante, como a dificuldade nas relações de professor e aluno, aluno e aluno, aluno e a comunidade educativa, o aumento índice de repetência e prejuízos no processo de ensino e aprendizagem (WECKER; ALBUQUERQUE, 2022).

O presente trabalho tem por objetivo pontuar sobre o comportamento inadequado e esclarecer a eficácia das estratégias embasadas na teoria comportamental, que tem como filosofia o Behaviorismo Radical, postulado por B. F. Skinner, referente ao manejo de se comportar indesejavelmente, relacionado ao contexto da educação, com base na pesquisa integrativa bibliográfica.

2 METODOLOGIA

O trabalho em questão é uma pesquisa integrativa bibliográfica, um método que vai proporcionar um apanhado de conhecimentos, bem como a incorporação de evidências sobre os resultados obtidos a partir de estudos significativos na prática. Nesse sentido, trata-se de um estudo por meio de uma revisão bibliográfica, onde podem ser analisadas informações semelhantes, diferentes ou ainda complementares sobre o tema. Dessa maneira, o propósito dessa pesquisa é reunir informações e conhecimentos sobre um tópico específico, ajudando a ter um estudo significativo para a área (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2009).

A pesquisa integrativa bibliográfica vai determinar o conhecimento atual sobre uma temática específica, pois tem por objetivo identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o assunto, o que vai contribuir diretamente para uma repercussão na qualidade das informações, e impactando no pensamento crítico que a prática exige. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103) vão descrever a pesquisa integrativa bibliográfica como:

A mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular.

Para o levantamento dos artigos na literatura, foi realizada uma busca nas seguintes bases: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos de Coordenação de aperfeiçoamento de nível superior (CAPES), e livros do acervo da biblioteca da Faculdade Católica Dom Orione. Foram utilizados descritores como: “comportamentos inadequados e adequados”, “aprendizagem no contexto escolar”, “funções do comportamento”, “manejo de comportamentos problemáticos”, “estratégias de mitigação”. Os critérios de seleção dos artigos foram: publicados em português e inglês, que retratasse a temática na íntegra, e de maneira pontual, e que estivesse embasado na Análise do Comportamento.

3 DEFINIÇÕES NA LITERATURA

Para que seja feita uma definição de comportamentos, neste caso dos inadequados deve-se seguir algumas dimensões, a primeira se refere a topografia, ou seja, as propriedades observáveis, a forma como o comportamento ocorre. A segunda dimensão é o Locus, onde e quando ocorreu a emissão, indicando onde e quando deve ser observado, oferecendo assim o contexto. A frequência, a medida mais óbvia e simples seria a terceira, esta se resumiria a quantas ocorrências foram observadas, bem em seguida fica a medida da duração, esta também auxilia na definição, visto que a quantidade de tempo envolvida é fundamental para que tenha-se uma análise detalhada e para que seja possível uma linha de base para o acompanhamento da evolução das estratégias (MARTIN; PEAR; AGUIRRE, 2009; MAZUR, 2015).

Outra dimensão, é a latência, esta se caracteriza como o tempo que se tem antes de ocorrer a emissão do comportamento. A sua importância se dá para que seja possível o monitoramento se há mudança no tempo de resposta. A última dimensão se refere a intensidade, está relacionada à força em que o comportamento é emitido. Esta medida pode ser a menos usada, porém tem a sua importância, visto que vai auxiliar na determinação de comportamentos inadequados (MARTIN; PEAR; AGUIRRE, 2009; MAZUR, 2015).

Oliveira (2015), vai definir quatro tipos de comportamentos inadequados no contexto escolar: o curricular, o social, regimentar e o passivo. O primeiro diz respeito ao rompimento do plano pedagógico, ou seja, há um impedimento do desenvolvimento da dinâmica da sala, impedindo que haja o processo de ensino e aprendizagem; o segundo se refere às condutas inadequadas no ambiente escolar, como o uso de equipamentos eletrônicos, conversas durante a aula, brincadeiras em horários inoportunos, entre outros. O terceiro está ligado ao rompimento das normas estabelecidas pela instituição, e o quarto é caracterizado pelo desinteresse, pela não realização do que foi planejado e proposto pelo educador.

Um assunto bastante recorrente no meio escolar é falar sobre indisciplina e comportamentos inadequados, quando se pensa em abordar sobre estes tipos de comportamentos, entendendo sobre possíveis causas, estratégias de redução de frequência, e ainda sobre um conhecimento mais aprofundado a respeito do tema se tem pouco material, especialmente no Brasil, visto que falar sobre esses comportamentos entendidos aqui como disruptivos, no sentido de interromper o

desenvolvimento adequado, tanto do indivíduo quanto dos sujeitos ligados, ainda é um assunto novo e conseqüentemente pouco falado (ESTRELA, 1986). Para tanto, foi elencado algumas definições para que haja mais clareza sobre a problemática.

Estrela (1998), vai trazer que o conceito de disciplina era bem relacionado com o de adaptação e o de indisciplina ao de inadaptação, mas também trazia que era associado a condutas anti sociais, perturbações neuróticas ou de personalidade. Merret e Wheldall (1984) vão descrever o comportamento escolar disruptivo como aquele que vai prejudicar a aprendizagem dos alunos, ou a eficácia do ambiente de ensino. Assim os alunos que emitem esses comportamentos não acatam as regras estabelecidas, aqui não se incluem indivíduos que já possuem alguma condição, pois este tem suas peculiaridades, exigindo manejo diferencial.

Amado (2001, p. 43) vai descrever comportamento inadequado como:

[...] um fenómeno relacional e interactivo que se caracteriza no incumprimento das regras que estabelecem, presidem e orientam as condições das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor enquanto pessoa e autoridade

Para Conte e Regra (2000), comportamento inadequado é entendido como aquele que foge ao controle, à tolerância, e à compreensão dos responsáveis, ou ainda em contexto escolar para os educadores. Esses comportamentos podem ser determinados e mantidos por contingências de reforçamento ou governado por regras e traz ou já trouxe algum ganho para o indivíduo.

Para o Ministério da Educação e Cultura, problemas de comportamentos são:

Manifestações de comportamentos típicos de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado (BRASIL, 1994, p. 13).

Com relação a essa última definição, pode-se perceber que é uma definição bem generalista, e que traz uma dificuldade de aplicação, pois não há um esclarecimento de quais comportamentos devem ser considerados para se enquadrarem como problema de comportamentos. Jesus (2013) vai dizer que comportamentos problema vão integrar todos os comportamentos e atitudes que vão invisibilizar o trabalho que o professor pretende realizar, visto que quando ocorre a

emissão de um comportamento dessa classificação há toda uma questão de manejo atrelado, para que não cause mais dificuldades para o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, é possível perceber que há uma dificuldade em definir comportamentos inadequados, visto que não há um consenso quanto a um sistema de avaliação para a identificação, em que há diversas variáveis relacionadas, como por exemplo o contexto em que ocorrem, os estímulos que antecederam, e um repertório de aprendizagens anteriores. Porém, a partir dessas definições pode-se perceber que uma está intimamente atrelada a outra, onde abordam principalmente sobre o não cumprimento de regras, e o prejuízo no processo de aprendizagem e características biológicas.

Em vista disso, é possível entender que há uma relação muito tênue entre a emissão de comportamentos adequados e o contexto sócio-histórico em que cada indivíduo está inserido, uma vez que a caracterização do que é adequado ou não vai ter diversas variações. E para além disso, não há como negar que há uma influência ou melhor, há uma grande participação dos ambientes e/ou contextos, podendo ser a cultura, a família e a carga histórica. Portanto, trata-se de um assunto multifatorial, no sentido de ser entendido por diversos tipos de variáveis.

Desse modo, foi trazido algumas definições para explicar que definir comportamento problema, tem enormes implicações especialmente na maneira como este vai ser medido. Pensando neste ponto, é importante destacar que as definições operacionais vão ser importantes para determinar a maneira como serão pensadas e aplicadas as intervenções. Pois em alguns casos há uma preocupação com a frequência com o que o comportamento ocorre, em outros casos, a preocupação é com o tempo em que este comportamento dura ou a intensidade em que é emitido.

4 ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

4.1 Seguimento de regras

As regras são caracterizadas como estímulos antecedentes verbais que podem descrever contingências, ou seja, são capazes de descrever o comportamento a ser emitido, quais serão as condições em que este será emitido e as suas prováveis consequências (SKINNER, 1989). Assim, são consideradas regras, instruções, avisos, orientações, conselhos, ordens. Este estímulo antecedente pode exercer

múltiplas funções, podendo restringir a variação comportamental, a possibilidade de estabelecer novos comportamentos e ainda pode alterar as funções de outros estímulos (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2001).

Regras podem funcionar tanto como estímulos discriminativos, onde vai sinalizar a disponibilidade de reforço e da abertura para que sejam emitidas respostas que produzam consequências reforçadoras, e ainda como estímulos que alteram a função de outros estímulos, onde vai ocorrer a emissão de comportamentos esperados na presença de estímulos descritos por regras (ALBURQUERQUE, 2003). Dessa maneira é classificado o comportamento controlado por regras quando o mesmo segue à apresentação de uma regra e ocorre independentemente de suas consequências imediatas.

Assim, o seguimento de regras vai ocorrer a partir de aprendizagem anteriores, nesse sentido a ocorrência e a manutenção de comportamentos, vai depender de uma combinação entre as variáveis que favorecem a ocorrência e manutenção. Desse modo, quando se deseja desenvolver um bom controle de estímulos sobre determinado comportamento, e neste caso aqueles inadequados, tem-se a possibilidade de fornecer uma regra, ou um conjunto de regras. Devido às nossas histórias de condicionamento para seguir instruções, a adição de um conjunto de regras pode levar a um controle de estímulo instantâneo (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Mediante ao que foi descrito, entende-se que a identificação de qual é o comportamento tido como inadequado, e da análise de qual estímulo antecedente ele está relacionado, pode-se pensar um planejamento de um programa que engloba a criação ou a execução de uma regra ou um conjunto de regras que controlem estímulos que favorecem emissão dos comportamentos problema identificados, vai ser de maneira bem prática e usual uma estratégia fidedigna e eficaz.

Foi realizada uma pesquisa no laboratório de Psicologia Humana e Experimental do Centro Universitário Filadélfia, onde cada participante sendo estas crianças em idade escolar de seis a nove anos, eram colocados a exposição de uma regra, por meio de dois experimentos com quatro fases distintas, onde essas fases estabeleciam diferentes contingências de reforçamento programadas. O objetivo da pesquisa foi compreender os efeitos de instruções sobre o comportamento de seguir regras. Foi obtido como resultado que o reforçamento diante do seguimento de regra,

como um comportamento a ser consequência, se caracterizou como uma variável mantenedora de comportamentos adequados (CALHEIROS *et al.*, 2012).

4.2 Esquemas de fichas

O sistema de economia de fichas foi desenvolvido como uma necessidade dos analistas do comportamento em utilizar os princípios operantes em grande escala, além de poderem alterar muitas classes de comportamentos através de um único reforçador condicionado (PATTERSON, 1996). De acordo com o glossário de White (1971), economia de fichas se refere a um sistema de reforçamento em que vão ser administradas fichas como reforço imediato, e que podem posteriormente ser trocadas por reforços mais valiosos.

Assim, vai ser uma estratégia de intervenção da Análise Aplicada do Comportamento, onde vão ser introduzidas contingências de reforçamento para respostas consideradas adequadas. Essas contingências podem ser apresentadas em forma de fichas, pontos ou qualquer outro tipo de estímulo reforçador condicionado. As fichas vão ser utilizadas para serem trocadas por atividades, objetos ou qualquer outro estímulo reforçador previamente definido (CABALLO, 2002).

Essa estratégia pode ainda possibilitar a formação de cadeias comportamentais, e ainda pode facilitar a instalação e manutenção de respostas adequadas com alta frequência de emissão. Dessa maneira, a economia de fichas pode ser aplicada sem grande escala, seja para um bom número de sujeitos, ou em relação a quantidade de respostas que podem ser reforçadas (BORGES, 2004).

Além de ser uma estratégia de fácil aplicação, por exigir apenas um treinamento básico, é muito eficaz para a redução de comportamentos inadequados. Assim o que precisa ser feito no início do programa é estabelecer as classes desejáveis de respostas e os procedimentos que vão selecionar tais respostas. As respostas-alvo vão ser reforçadas e tem que estar baseadas na população correspondente, e nos objetivos estabelecidos (CABALLO, 2002).

Para esse tipo de estratégia vai ser necessário uma espécie de registro, das respostas emitidas, para ter um controle sobre as fichas liberadas e sobre as novas respostas que vão surgir com o objetivo de avaliar a mudança. Assim, com o registro vai ser possível ver e calcular de maneira prática as evoluções, facilitando para que haja alteração do programa caso seja necessário. Em vista do que foi trazido até aqui,

pode-se entender que a economia de fichas é um tipo de estratégia de modelagem ou manutenção de comportamentos de indivíduos e grupos (CABALLO, 2002).

Cunha *et al.* (2006), fizeram uso do sistema de economia de fichas em 111 crianças de seis salas de uma escola municipal de ensino infantil. Com o auxílio dos professores estipularam os comportamentos que deveriam ser reforçados e os inadequados que deveriam diminuir de frequência. Os resultados foram satisfatórios, e demonstraram aumento no desempenho nos comportamentos adequados no decorrer da intervenção.

4.3 Autocontrole

O autocontrole na sua concepção tradicional, não é visto como algo novo e nem desconhecido. É entendido na maioria das vezes como sinônimo de força de vontade, ou a forma e capacidade de enfrentar situações difíceis, é ter um poder interior. Diante dessas explicações, é possível entender que de alguma maneira há uma tentativa de explicar este comportamento a partir de um agente iniciador interno (SKINNER, 1991).

Porém, Skinner (2000), vai trazer que a necessidade de se utilizar um agente interno para explicar qualquer comportamento, inclusive o autocontrole, não é útil para que haja uma análise científica, porque vai existir um desvio de atenção para com as variáveis ambientais das quais o comportamento é função. Desse modo, segundo o autor, o comportamento de autocontrole deve ser analisado como um comportamento operante, ou seja, por meio da análise da relação das respostas e as variáveis ambientais.

Skinner, (2000, p. 252) vai definir autocontrole como:

Com frequência o indivíduo vem a controlar parte de seu próprio comportamento quando uma resposta tem conseqüências que provocam conflitos - quando leva tanto a reforço positivo quanto a negativo.

Assim, para Skinner (2000) o comportamento de autocontrole está intimamente relacionado com a escolha de respostas concorrentes, ou seja, há possibilidade que o indivíduo tenha que escolher entre duas respostas que tenham conseqüências com o mesmo valor, ou ainda que seja reforçada imediatamente e punida a longo prazo. Dessa forma, o indivíduo começa a controlar seu

comportamento quando uma resposta tem consequências que provocam conflitos. A partir disso, o autocontrole pode ser definido como uma manipulação do ambiente, por uma pessoa, que de alguma maneira vai alterar o seu próprio comportamento sobre determinada consequência (SKINNER, 2000).

Dessa forma, o autocontrole refere-se a comportamentos adquiridos pelo indivíduo que pode ser entendido como a possibilidade da pessoa adequar ou ter reações adequadas em diferentes situações em que se encontra exposta. Conte, Ciasca e Capelatto (2016), realizaram uma pesquisa sobre a relação do autocontrole com o desempenho escolar, com crianças de 8 a 11 anos, em uma escola particular do estado de São Paulo. Os resultados da pesquisa mostram que há uma influência grande quando se utiliza do autocontrole, mas que este está indissociado do autoconceito, pois quanto mais conhecimento o indivíduo tinha de si, maior foi o seu autocontrole, melhor é a capacidade de lidar com as situações.

É possível dizer ainda que quando se refere a controle está implícito uma análise funcional. Ou seja, quando se encontra uma variável independente que pode ser controlada, encontra-se a partir disso uma maneira de controlar o comportamento que seja função dela. Não há como falar de comportamento de autocontrole, sem elucidar sobre a análise funcional, visto que a importância dessa análise é demonstrar na prática a relação de interdependência que uma resposta mantém com as diversas variáveis ambientais (SKINNER, 2000).

4.4 FBA - Functional Behavioral Assessment (Avaliação Funcional Comportamental)

FBA é um conjunto de técnicas e estratégias que são pensadas e aplicadas para verificar conexões entre respostas e o ambiente. Desse modo, a criação de um FBA envolve uma avaliação indireta e direta para que haja a criação de hipóteses sobre o comportamento inadequado. O FBA é uma ferramenta, mas vale ressaltar que não deve ser considerada um meio para um fim, mas trata-se de um ponto de partida para um planejamento comportamental (CASEY; CARTER, 2016).

É importante destacar que trata-se de um processo demorado e intensivo, o que significa que as hipóteses elencadas podem não levar a intervenções que diminuam o comportamento problema de maneira rápida, mas que vai estar diretamente relacionado às contingências que ao longo do tempo vão produzir o

comportamento desejado e este vai ser sustentado. Porém, apesar dessas questões que podem ser entendidas como desvantagens, o suporte empírico para FBAs dentro de ambientes escolares está bem documentado na literatura e apoiado pelo DEC e mencionado pelas normas NAEYC (MCLAREN, 2013).

Essa avaliação do comportamento funcional vai ocorrer a partir de entrevistas, observações diretas, e pode ocorrer também manipulações ambientais para evocar o comportamento. De um modo claro e prático o FBA pode ser entendido e explicado em quatro fases: a indireta, direta, interpretativa e de desenvolvimento de interpretação. Na primeira fase, é onde os dados vão ser obtidos, seja por meio de relatórios ou entrevistas com os alunos, pais ou responsáveis. Vai ser considerada indireta porque não houve a observação direta da criança. Essa fase pode ajudar a definir um comportamento específico, definindo momentos e locais em que o comportamento pode ser observado, além de otimizar o tempo já identificando o comportamento alvo (CASEY; CARTER, 2016).

A segunda fase envolve observar diretamente a criança a fim de visualizar o comportamento problema sendo emitido, dessa forma essa observação vai ser onde ocorre supostamente o comportamento assim vai haver uma modificação de definição conforme seja necessário. Para essa observação existem diversos métodos em que podem ser coletados os dados, e cada um dos métodos vai variar em níveis de dificuldade e quantidade de atenção necessária para que haja fidedignidade nos dados (CASEY; CARTER, 2016).

A interpretação vai ajudar na formulação de hipóteses sobre qual é a função do comportamento problema, sendo a partir disso que vão começar a surgir respostas relacionadas às contingências que apontam para o comportamento inadequado. Se for um processo claro, o próximo passo é elencar uma hipótese de intervenção. Caso ao analisar os dados obtidos e não houver possibilidade de hipóteses pode ser necessário que ocorra uma avaliação comportamental adicional a partir de uma análise funcional, ou seja, de uma demonstração empírica de relações de causa e efeito, trata-se de um termo usado por Skinner (1953) (CASEY; CARTER, 2016).

Na última fase, há a criação do plano de intervenção comportamental, sempre tendo o foco no indivíduo. Nesse plano vai conter as informações do sujeito e vai incluir todas as avaliações reproduzíveis, ele vai explicar todo o processo e vai terminar com as estratégias que vão ser sugeridas para erradicar o comportamento inadequado e

aumentar os desejados. Após essas fases, segue-se para a implementação (CASEY; CARTER, 2016).

Horner (2002) realizou dois tipos de análise para examinar a viabilidade e utilidade da avaliação comportamental funcional (FBA), em uma escola de ensino fundamental. 24 alunos foram monitorados ao longo de um ano letivo, onde eles haviam recebido uma intervenção tradicional de check-in, check-out. No final do ano, foi realizada uma entrevista FBA para avaliar a função de cada comportamento problema, e embora não houvesse controles experimentais, os resultados foram consistentes com a hipótese de que a função comportamental está relacionada com a melhora do aluno no programa. Após essa primeira análise, foi realizada uma segunda onde foi usado uma linha de base para determinar se havia uma relação funcional entre o suporte ao comportamento, diminuição do comportamento inadequado e o aumento do engajamento acadêmico. FBA's foram usados para desenvolver e implementar planos de apoio ao comportamento para os alunos que não estavam melhorando na intervenção do grupo. Os resultados dessa pesquisa apoiam a importância da presença das relações funcionais e o valor do FBA nas escolas para o auxílio na resolução de problemas como a emissão de comportamentos indesejados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Skinner (1953) ao falar que o comportamento é multideterminado traz esclarecimentos para a Psicologia, pois entender que comportamentos fazem parte de um processo de interação nos permite entender a natureza deles e sendo admissível de ter um olhar mais crítico e direcionado para a emissão de comportamentos em determinados contextos, além de trazer a possibilidade da modificação destes comportamentos.

Em vista disso, a partir do que foi exposto até aqui pode-se entender que o comportamento inadequado é multifatorial, ou seja, pode ser compreendido em diversos graus de complexidade, como citado anteriormente muito relacionado ao contexto e o tipo de interação que ocorre a partir deste. Nesse sentido, é importante destacar que por se tratar de um tema que envolve muitas variáveis, torna-se bem relativo os tipos de comportamentos tido como inadequados, assim como o manejo

para com eles. Desse modo há uma discussão acerca desses problemas de comportamento, visto que há uma dificuldade em analisá-los.

A partir disso foi possível compreender que um passo importante e muito significativo é a análise funcional onde vai ser possível considerar as possíveis variáveis, tornando admissível a compreensão da emissão de determinados comportamentos, para que as intervenções passem a ser elaboradas. Portanto, para uma análise ampla é necessário estar atento à função do comportamento.

Pensando que o ambiente escolar é o meio em que a criança passa grande parte do tempo e ainda é exposta a diversas situações de aprendizagem, torna-se indissociável não pontuar sobre a emissão de comportamentos inadequados nesse contexto. Trata-se de um assunto bem recorrente no meio escolar, porém pouco é falado em estratégias de redução de frequência ou mesmo extinção, especialmente no Brasil.

Adiante, vê-se a necessidade de ter mais discussões sobre o tema, este se configura como atual e relevante visto que trata-se de uma demanda comum no contexto no escolar e que tem trazido consequências negativas para o desenvolvimento adequado, tanto do indivíduo quanto para os sujeitos ligados. Em vista disso, pode-se pensar mais nas estratégias que possibilitem a otimização do processo de aprendizagem, reduzindo ou eliminando as variáveis que impedem esse processo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. C.; FERREIRA, K. V. D. Efeitos de regras com diferentes extensões sobre o comportamento humano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 14, p. 127-139, 2001.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo comportamento, cultura e evolução**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BORGES, N. B. Análise aplicada do comportamento: utilizando a economia de fichas para melhorar desempenho. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 6, n. 1, p. 031-038, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Política nacional de educação especial**. Brasília (DF): Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

CABALLO, V. E. **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos Editora, 2002.

CALHEIROS, Taís da Costa. **Efeitos da exposição a instruções correspondentes e discrepantes sobre o comportamento de seguir regras em crianças em idade escolar**. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482012000100006. Acesso em: 15 set. 2022.

CASEY, Laura Baylot; CARTER, Stacy L. **Applied behavior analysis in early childhood education**. New York: Routledge, 2016.

CONTE, F.C.S.; REGRA, J. A. G. **Psicoterapia comportamental infantil: Novos aspectos**. In: SILVARES, E.F. M. **Estudos de caso em psicoterapia clínica comportamental infantil**. Campinas (SP): Papirus, 2000. p. 79-134.

CONTE, Gabriella; CIASCA, Sylvia Maria; CAPELATTO, Iuri Victor. Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental. **Rev. psicopedag. [online]**, v. 33, n. 102, p. 225-23, 2016.

CUNHA, L. S. *et al.* **Utilizando o sistema de economia de fichas no ensino infantil: um relato de experiência**. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/35061741/ECONOMIA_DE_FICHAS_APLICADA_NO_CONTEXTO_ESCOLAR. Acesso em: 10 set. 2022.

ESTRELA, M. T. Prevenção da indisciplina e formação de professores. **Noesis**, p. 34-36, 1996.

ESTRELA, M. T. **Une étude sur l'indiscipline en classe**. Lisboa: INIC, 1986.

HORNER, Robert E.; HORNER, Robert H. Feasibility and Contributions of Functional Behavioral Assessment in Schools. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, v. 10, p. 158-170, 2002.

JESUS, Juliana Campos de. **Ensinando crianças autistas a requisitar: avaliação da aquisição e generalização de comunicação mediada por figuras com uso do PECS**. 2013. Disponível em: file:///C:/Users/eduardo.ferreira/Downloads/disserta_aopronta.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES, Carlos Eduardo. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. **Rev. bras. ter. comport. Cogn**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-13, jun. 2008.

MCLAREN, Stuart J. **Is inclusive education right for every child?:** an account by the parent of a child with high and complex needs due to autism spectrum disorder. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/eduardo.ferreira/Downloads/EJ1025671.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

MARTIN, G., PEARL, J.; AGUIRRE, N. D. **Modificação de comportamento:** o que é e como fazer. São Paulo: Rocca, 2009.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 16, n. 3, p. 8-18, 1999.

MAZUR, J. E. Learning and behavior: Instructor's review copy. **Psychology Press.**, 2015.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento.** Porto Alegre; Artmed, 2007.

OECD. **Creating effective teaching and learning environments: First results from TALIS.** Paris: OECD, 2009. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/17/51/43023606.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

OLIVEIRA, Mariana Tavares Almeida. **Conflitos entre alunos de 13 e 14 anos: causas, estratégias e finalizações.** 2015. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PATTERSON, R. L. A economia de fichas. *In:* CABALLO, V. E. (Org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento.** São Paulo: Santos, 1996.

PIERCE, W. D.; CHENEY, C. D. **Behavior analysis and learning:** a biobehavioral approach. Routledge, 2017.

SILVA, Alessandra Turini Bolsoni; PRETTE, Almir Del. Problema de comportamento: um panorama da área. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.**, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2003.

SILVA, Ana Rita Pereirinha Gomes da. **Birras infantis, estilos educativos parentais e comportamentos de punição.** 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23290>. Acesso em: 15 set. 2022.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 1953.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior.** New York, NY: The Free Press, 1965.

SKINNER, B. F. **Contingencies of reinforcement:** a theoretical analysis. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969.

SKINNER, B. F. **About behaviorism.** New York: Alfred A. Knopf, 1974.

SKINNER, B. F. **Comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. The behavior of the listener. *In*: HAGES, S. C. (Org.). **Rule-governed behavior: cognition, contingencies, and instructional control**. New York: Plenum, 1989. p. 85-96.

SKINNER, B. F. O eu iniciador. *In*: SKINNER, B.F. **Questões recentes na análise comportamental**. Campinas: Ed. Papyrus, 1991.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano** [Science and Human Behavior]. São Paulo: Edart, 2003.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUZA, Marcela Tavares; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010.

TODOROV, J. C. A psicologia como o estudo de interações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 5, p. 325-347, 1989.

TODOROV, J. C. O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, 1985.

WECKER, Ilário; ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de. **Comportamentos indisciplinados em sala de aula: o que professores e estudantes pensam e fazem**. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/eduardo.ferreira/Downloads/19908-93974-3-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/eduardo.ferreira/Downloads/19908-93974-3-PB%20(1).pdf). Acesso em: 11 set. 2022.